

TRIBUNA Livre

À Biblioteca Pública de
Braga

15
MAIO
1971

SEMÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - AMARES

Sob o Signo de Camões

O IV Centenário de «Os Lusíadas»

Efeméride do maior significado, de especial transcendência, dá-no-lá a próxima evocação, em 1972, do IV Centenário da publicação de «Os Lusíadas» e que, de pleno direito será comemorado com a elevação e brilho mercedos.

A nomeação oficial de uma comissão central, na Presidência do Conselho, de individualidades da maior idoneidade para dar execução ao programa de celebração afirma-nos, desde já, a garantia de que as homenagens a Camões e à *Bíblia da Pátria* não-de marcar-se dentro das altas coordenadas que tão sublime efeméride inteiramente justificam.

A bibliografia camoneana — como é do conhecimento público — é verdadeiramente infundável, despertando, sempre, cada achega ou estudo aparecido, o devido interesse.

Ao acaso, tomamos a resolução de transcrever do estudo-prefácio a uma edição escolar dos «Lusíadas», assinado pelo dr. Emanuel Paulo Ramos, alguns passos escl-

recedores e cuja divulgação se nos afigura oportuna:

«(Camões) como cristão via o perigo imenso que pesava sobre a Europa e a Civilização — o avanço trágico dos Maometanos; como português, não podia conter nos limites do próprio coração o orgulho de quanto ficava o mundo a dever ao «peito ilustre Lusitano». Sentia — antes e acima de todo o resto — a obrigação de lutar, tanto com a pena como com a espada; e, ora em reparos de cara cerrada, ora pela ironia superior, criticava tudo quanto lhe parecia mal — desde os vícios universais (como a sede do ouro) até o indigno viver, inútil ou perverso, dos que se deixavam ficar pelo conforto da côrte, o desinteresse pelos artistas, o procedimento dos próprios Reis, a política de quase todos os povos europeus: o «duro Inglês», «o Galo indigno» os «miseros Cristãos» que habitavam desde Navarra a Nápoles, esquecidos do perigo imminente que a todos ameaçava: o Turco.

«Os Lusíadas», prenhes desta mensagem severíssima e alta, não puderam, pois, ser tocados, no âmago, pelo imperativo renascente de *Arte pela Arte*; mas acusam, de maneira notável, uma consciência agudíssima das grandes directrizes culturais da época — que, em geral, se apresentam como reverso das que haviam orientado o homem medieval».

O retrato de Camões e o retrato da pátria se consubstanciam no poema imortal e único — «Os Lusíadas», a obra máxima da nossa Literatura e do nosso pensamento criador.

Rocha Casal

O ÚLTIMO RABELO

— «Já não há muges» — queixava-se, há dias, um camarada meu, ao contar as transformações por que tem passado nos últimos tempos, mercê das barragens gigantes que sobre ele se erguem e das vastíssimas albufeiras que nele se formam, esse rio portentoso que é o Douro. Já não há muges, nem sábeis nem lampreias, nem nenhum dos peixes que se pescavam aos milhares nos «bulhos» do Carreiro, enquanto a torrente caudalosa se enfurecia nos rápidos perante a indeferença secular das penedias.

Não foram, porém, os muges e os sábeis as únicas

vítimas de regularização do curso do Douro, levada a efeito pela série de barragens que ali estão a construir-se ou concluídas. Imolados no altar do progresso — como diria certamente o conselheiro Acácio e como é possível que ainda o digam hoje certos oradores nossos conhecidos — foram-no também os famosos barcos rabelos, cuja ascendência parece remontar às embarcações dos normandos ou dos vikings e cuja silhueta ovante se tornara como que o «ex-libris» de toda a terra portuguesa que vai desde o saltinho até Vila Nova de Gaia, ou, por outras palavras, de toda a rota nacional do Vinho do Porto. Por que era com efeito no bojo dos grandes, inconfundíveis rabelos que, pelo menos desde há dois séculos, seguiam seu destino, rio abaixo, os cascos desse vinho incomparável a que todos nós chamamos «vinho do Porto» pela mesma razão com que poderíamos chamar cortiça de Lisboa à que vem do Alentejo e é embarcada aqui, no «Mar da Palha».

Acabaram-se, agora, os rabelos. Sucedeu-lhe o mesmo que já acontecera aos bateis da Nazaré e que mais dia

(Continua na 4.ª página)

Telefone a prestações

Pedem-se providências energéticas das autoridades e dos C.T.T.

Esteve este concelho durante 7 anos sem que se montasse um telefone novo, como este jornal tantas vezes referiu. Ao cabo desses longos e penosos anos, alargou-se finalmente a rede e foram atendidos os pedidos.

Respirou-se fundo e pensou-se que tínhamos deixado de ser uns sertanejos desprezados.

A coisa não foi porém assim, e agora temos a certeza que ficamos pior. Era bom de mais para um concelho que sempre foi desprezado.

Até então os que tinham telefone tinham-no mesmo, e nas mesmas condições em que todo o país o tem.

Agora todos estamos sem telefone.

Todos os dias há avarias, ou intermitências e por períodos grandes que principalmente às casas comerciais, provocam prejuízos sem conta e as maiores arrelías.

Na semana em curso a coisa tem sido assustadora. Alguns telefones não têm conseguido ligação durante dias inteiros, e nos dias em que conseguem ligações, só

(Continua na 4.ª página)

5.ª COLUNA

Acredito que o Leitor não me acredita. Nem eu, se fosse Leitor. Todavia o que estou a escrever e à hora a que se dá o facto, é mais que suficiente para o nosso compositor acreditar, em presença das gralhas que a máquina de escrever contém. A máquina, não! O Zé de Gatinhas que escreve. Mas, a verdade é a verdade e o resto é... cantiga!

Seja como for, no nosso número de 1 de Maio calhou de eu me referir a um certo amigo de frases lapidares, a propósito dele dizer que o «Mundo era uma droga». E foi sobre esse assunto que coloquei a questão. Conversamos, portanto; não é Leitor amigo? Até conversamos, porque isto aqui é uma conversa...

Pois bem! Acabada a

(Continua na 4.ª página)

Mais 15

duma só ninhada

Ainda a semana passada demos a notícia de que uma porca em Fiscal havia dado à luz 15 bácoros.

Pois agora o caso passou-se cá na Feira Nova e na casa da Sra. D. Patrocina Vieira (Pesqueira) no lugar Novo.

Uma porca não esteve, também como a de Fiscal, com meias medidas e vai de oferecer à sua dona este, — pelo preço que estão — excelente presente.

A parturiente e a prole encontram-se bem, o que torna evidente a satisfação da sua proprietária. Pudera.

Mini-Gazeta

Com' a filosofal pedra,
Lá, nos Estados-Unidos,
Dois anos foram seguidos
De discussão, entre amigos,
Sobre inteligência negral...

Um Nobel foi, de recurso,
Nesta douta Academia
E meteu-se-lhe a mania,
Que o branco se distingua
Do preto — que era mais urso!...

Depois, dinheiro pedia,
Para a continuidade
Da douta mentalidade
Olhar a Humanidade
No rigor da teoria!...

Porém, volvidos dois anos,
A douta cerebração
Atingiu a conclusão
De que o preto e o branco são
Iguaisinhos — como os asnos!...

DAVUS

Cobrança de Assinaturas

Vai esta Redação proceder à cobrança de assinaturas do Ano de 1970.

Para tal pede a todos os Ex.^{mos} assinantes a boa vontade e compreensão já que de ano para ano aumentam as despesas com a publicação deste defensor dos interesses do Concelho.

A Redação

Em cada Parágrafo uma Notícia

Apesar das alterações verificadas em alguns dos mercados cambiais da Europa, o Banco de Portugal comunicou que é mantida a paridade do escudo, desde há muito uma das moedas mais firmes do mundo. Deste modo, aquele banco emissor voltou a fornecer cotações de compra e venda de moeda estrangeira, serviço que havia interrompido a meio da semana passada; ao registar-se a presente crise monetária internacional.

* * * *

As boas relações existentes entre Portugal e o Malavi voltaram agora a ser sublinhadas durante a presença em Lisboa do ministro das Finanças e da Informação daquele país africano, dr. Aleke Banda, que hoje seguiu para Londres, depois de se haver avistado com os ministros portugueses dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, das Finanças e Economia, dr. Dias Rosas, do Ultramar, prof. Silva Cunha e das Corporações e da Saúde, dr. Rebelo de Sousa.

* * * *

Vinte anos depois de um desprendimento de terras, na encosta de Gibalta, perto de Caxias, ter causado a morte de dez passageiros de um comboio da linha do Estoril, o Tribunal de Oeiras absolveu há dias o eng. António Bual — então director da sociedade responsável pela referida linha ferroviária — pois não foi provada a acusação de negligência e inobservância das leis pela qual fora incriminado.

* * * *

Um fraco abalo sísmico registou-se às três horas e 15 minutos, com o epicentro a uns cem quilómetros a Norte de Lisboa. O abalo foi sentido em Peniche com a intensidade de 4 a 5 (escala de Richter) e em Lisboa a intensidade de 2 a 3.

* * * *

Os quinze alunos e os cinco professores do Industrial College das Forças Armadas dos Estados Unidos que se encontram de visita a Lisboa foram recebidos pelo ministro português da Economia e das Finanças,

dr. Dias Rosas. Depois, deslocaram-se a Alverca, onde percorreram as Oficinas Gerais de Material Aeronáutico.

* * *

Foi sagrada pelo Bispo de Angra, Senhor D. Manuel Afonso de Carvalho, perante elevado número de fiéis, e com a assistência das autoridades locais e de numerosos sacerdotes, a nova igreja paroquial da freguesia de S. Bartolomeu na Ilha Terceira, continuadora da que foi ali erguida em 1500.

* * *

No liceu de Dartmouth, no Estado norte-americano do Massachussets, e sob os auspícios do Centro de Estudos Luso-Brasileiros da Southeastern Massachussets University, houve uma sessão cultural em que se representou a farsa «Quem tem farelos?», de Gil Vicente, sobre o qual o dr. Luis Macedo, leitor de português naquela Universidade, proferiu uma palestra. A encenação seguiu o modelo adoptado no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa, por Pedro Lemos, dr. Gregory Rocha e Américo Araújo.

Coisas mais ou menos espantosas

— O uso dos «hot-pants» está a generalizar-se... na Califórnia, pelo menos: os cabeleireiros de um salão de beleza em Enzino passaram a usá-los como uniforme de trabalho, com grande gaudío da clientela.

— O comandante de uma das bases aéreas da Califórnia resolveu contratar civis para a limpeza das instalações, o que passou a custar ao Estado 58.000 dólares por mês: os aviadores apenas terão que fazer a cama.

— Em Marin ardeu uma vivenda e a dona da casa teve que fugir em pijama, acompanhada por um homem inteiramente careca e que ninguém da vizinhança conhecia. Mas não chegou a haver escândalo: era simplesmente o marido, que, tomado de pânico, se esquecera do chinó.

— Em Fremont um advogado acedeu a dar boleia a um rapaz e a uma rapariga desconhecidos e que tão convincentes souberam mostrar-se que ele acabou mesmo por lhes emprestar o carro por umas horas: é evidente que continua ainda à espera de que lho devolvam.

— No Illionis, uma mulher grávida de oito meses morreu vítima de um desastre de viação, que lhe abriu o ventre, projectando o bebé a alguns metros de distância: foi, assim, um parto um tanto ou quanto violento, mas, afinal, bem sucedido — a criança não sofreu nem uma beliscadura e pôde ser salva.

— No Maryland, um deputado estadual propôs que o casamento seja substituído por contratos de convivência válidos por três anos e automaticamente renováveis. Seria a maneira — pensa ele — de acabar com a praga dos divórcios.

— No Oregon, os alunos de uma escola de instrução primária descobriram um novo desporto: contar feijões até um milhão. Até agora, porém, contaram apenas 51.000. Entretanto, passaram a vender doces pelas ruas, em Grants Pass, tencionando empregar na compra de mais sacos de feijão todo o dinheiro que venham a ganhar com a venda das guloseimas.

— Em Los Angeles a Polícia teve que fechar uma estrada ao trânsito durante horas, porque se voltara um camião carregado de laranjas e a carga deslizará pelo asfalto ao longo de mais de um quilómetro. Entretanto, em San Diego, os descarregadores do porto negavam-se a trabalhar num barco que trazia do Equador um carregamento de bananas: protesto contra a apreensão, pela Marinha de Guerra equatoriana, de alguns atuneiros norte-americanos que pescavam nequelas águas territoriais.

RICO E POBRE

(Continuado do número anterior)

E Fernando, que tinha a certeza de que era amado por aquela mulher, deu-lhe um beijo na fronte.

CAPÍTULO XXXIV

EM QUE SE DEMONSTRA MAIS UMA VEZ QUE O AMOR É CEGO

Rosa voltou para casa às quatro horas da tarde; Sebastiana disse-lhe:

— Almoçaste?

— Sim — respondeu Rosa.

— Com Fernando? — tornou a perguntar a velha.

Rosa guardou silêncio.

— Previno-te que Luís esteve cá mais de duas horas à tua espera.

— E vocemecê disse-lhe alguma coisa.

— Eu! Nada absolutamente. Deixas-te-me algum recado para ele? Saíste á francesa, sem me dizer por aqui me vou...

Rosa compreendeu que aquela mulher tinha razão para a repreender.

— Deves agradecer-me a minha prudência — volveu Sebastiana — apesar de ter tido bons desejos de dizer tudo a esse pobre rapaz, a quem enganas como a um preto. Porém isso é lá contigo, não tardarás muito a arrepender-te e então...

— Vamos, Sebastiana, não tenho vontade de andar às turras, e foi por isso que me domorei. Infelizmente, as coisas não se podem fazer como uma pessoa deseja.

— É porque estás cega por esse homem que será a tua perdição.

— Bom, bom! Deixemo-nos de questões; doi-me a cabeça.

— Tu sempre pões o ponto final do mesmo modo; porém minha filha, já te disse ontem à noite que isto não pode continuar assim; previno-te pois, que estou decidida a deixar-te, porque estou

convencida de que nunca deixarás Fernando, e eu não estou para pagar as culpas dos outros.

— Está resolvida a que haja barulho e escândalo?

— Estou resolvida a livrar-te desse cafre, desse gaiato, que só te quer explorar. Neste negócio quero andar com lisura, e por isso quando sair daqui irei dizer a Luís tudo o que se passa.

Rosa compreendeu que aquela mulher a podia comprometer. Boa vontade tinha de a deixar partir, porém procurou dominar-se e disse:

— Vocemecê não fará o que diz.

— E porque não?

— Porque eu não quero, porque seria uma loucura querer perder-me; sei quanto me estima e que não é capaz de fazer o que diz.

Sebastiana vendo o giro que tomava a conversação começou a amansar. Rosa quis aproveitar-se desta circunstância, e tornou a dizer:

— Sente-se aqui ao meu lado, Sebastiana, quero falar-lhe seriamente.

Sebastiana fez um tregeito de descontentamento, porém sentou-se, dizendo:

— Saibamos o que queres.

— Primeiro quero que tenha prudência, e em seguida que me ajude a levar a cabo um plano que concebi.

Rosa ia enganar a sua mãe adoptiva, porém as circunstâncias assim o exigiam.

— Atenda-me, pois, Sebastiana, — continuou Rosa. — Vossemecê bem sabe que me acho comprometida com Fernando de um modo grave, e que seria uma imprudência desligar-me dele assim de repente; parece incrível que na sua idade tenha tão pouca prudência em um assunto que é para nós da maior importância, pois trata-se de muitos milhões.

— Bem, bem, adiante! — exclamou Sebastiana, que começava a suspeitar que Rosa tinha razão.

— Se eu como vocemecê quer, despeço Fernando e lhe digo que não torne a pôr os pés nesta casa, julga que ele me obedecerá e me deixará viver em paz com Luís!

— Mas se Luís sabe...

— Ama-me muito para fazer o que eu quiser.

— Quase estou a convencer-me de que tens razão.

— É muita; porém como vai logo às do cabo...

— É que me irrita ver que esse gaiato te ande a explorar.

— Os homens e as mulheres não fazem outra coisa que

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Na capital federal do Brasil que compreende vinte e dois Estados, existe um homem qualificado de Interventor Federal.

É o homem que tem o encargo que a lei lhe confere de resolver todas as dificuldades ocasionadas pela incompreensão da sua vasta e por vezes anedótica legislação. Também temos cá muito disso mas não temos interventor.

Graças a Deus que ele desempata e desenfeta tudo que por aí anda a meter medo ao funcionário e ao público. Há conveniência talvez em legislar com artigos e parágrafos e ainda com o parágrafo único que tira, às vezes, o sumo todo ao sentido a qualquer decreto que obriga o funcionário a fazer consultas por aí abaixo e quando chega a resposta já muita coisa deixou de ter interesse embora tivesse causado prejuízos. Isto vem a propósito dos abrigos que a Câmara de Amares quer fazer para os passageiros de camionagem, ficando mais caras as plantas exigidas do que as caixinhas para abrigar as pessoas passageiros a apanhar frio, chuva ou sol insuportável. Não sei se a Câmara de Amares, composta de boa juventude mas pouco «matreira» já resolveu esse caso. Se o não resolveu deve recorrer também ao nosso interventor e esclarecê-lo que os largos municipais são do Estado como do Estado são as estradas nacionais e porisso em família deve haver harmonia e bons entendimentos e demais a mais os abrigos não tiram a visão nem empatam a trânsito. Estou convencido que o caso será resolvido e a Câmara pobre como é pode exitar quatro plantas exigidas para quatro barracas com três metros de altura por três de largura. O vice-Presidente da edilidade não ficará magoado com o meu reparo porque foi ele que se lamentou, como médico, de ter pena de ver sofrer tanta gente por causa da falta dos tais «sanatórios».

Há uma faixa à margem dos estradas nacionais que pertence às O. P.. Devem ser uns milhares de quilómetros cá no norte. A arborização é composta de pinheiros e carvalhos porque o castanheiro e a nogueira não gostam do clima da terra que pertence a essa entidade. E foi porisso que num espaço aproximado a 2.000m² foram plantados vinte e um carvalhos no lugar do Ribeiro, na Feira Nova. Esquece-

ram-se os plantadores do mal que vão causar aos terrenos confinantes que produzem vinho e cereais. Estamos na azáfama agrícola. A lavragem das terras é pesada e martirizante. Felizmente há muitos tractores o que facilita imenso esses serviços. É pena que o tractor do Grémio, ao qual tenho a honra de pertencer como sócio e procurador sem procuração, que esse tractor esteja doente segundo me informou pessoa responsável. Não interessa nada porque há outros a fazer o serviço pelo mesmo preço pois os sócios do Grémio não tem regalias que valha a pena ser sócios a não ser obrigatório como acontece à prestimosa classe que agora se está a procurar defender para não acabar a pedir. Ser sócio de qualquer coisa que não dê qualquer rendimento a não ser conselhos, não vale apenas continuar. Mas do Grémio não nos podemos desligar enquanto tivermos a classificação fidalga de lavradores — proprietários.

Elísio Gonçalves

De pequenino...

A nova camada de pais, os que procedem da geração de 40 e 50, resolveu criar os seus descendentes por métodos especiais. Para isso foram escritos tratados pedagógicos e formadas dezenas de orientadoras psiquiátricas demonstrando por A mais B que nunca se deve tocar numa criancinha nem mesmo com um botão de rosa...

E é vê-los a espernear por essas ruas fora, atirando pontapés a torto e a direito, passando rasteiras ou limpando mãos sujas ao casaco de qualquer passante, tudo isto sob as vistas maravilhadadas da mamã ou do papá, que entendem, assim, a educação do rebentinho que transportam.

Que importa se se está martirizando os ouvidos das pessoas de idade? Ou se as correrias por cima dos encostos dos bancos dos jardins estão a maçar quem lá se encontra? Ou se as bolas e pedras ecertaram em qualquer pessoa? Tudo isto é zero à esquerda e por nada deste mundo serão chamadas à pedra tão gentis criancinhas...

Aceitou-se, por hábito, a invasão destes bárbaros em miniatura que, a coberto das asas paternas, vão marcando tudo e todos.

Que espécie de gente grande trará esta educação em gente pequenina?

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Ontem, dia 14, a sra. D. Rosa da Silva, viúva, desta vila. Seus filhos e familiares desejam-lhe muitas felicidades e que esta data se repita por muitos anos.

Amanhã, dia 16, a sra. Maria Augusta Veloso da Costa, residente em França.

Segunda-feira, dia 17, o sr. António Luiz Machado e o menino José Carlos da Silva Bacelar.

No passado dia 11 festejou, em França onde trabalha, o seu aniversário natalício o sr. Alberto da Silva Pereira a quem sua esposa, residente nesta vila, deseja muitos parabéns e felicidades.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes muitas felicidades e faz votos de longa vida.

Peregrinação

AO SAMEIRO

No dia 30 de Maio de 1971

INTENÇÕES GERAIS:

— Bodas de Prata da Coroação da Imagem de Nossa Senhora de Fátima. Hoje como há 25 anos agradecer e louvar pelos benefícios concedidos à Nação Portuguesa.

Vocação Sacerdotais, Religiosas e Missionárias. É problema da Igreja, é assunto que nos merece profunda reflexão e a nossa oração.

— A Juventude precisa de uma orientação segura que a Estrela da Manhã lhe pode assegurar. Vamos rezar por ela.

— Doentes, Emigrantes, Soldados: membros da nossa família que contam com as nossas súplicas para que não se faça esperar em seu favor a protecção da Mãe do Céu.

Com a Presidência do Senhor Arcebispo Primaz.

Às 8 horas — Partida da Sé Catedral.

Às 12 horas — Chegada ao Sameiro com Missa Campal e Bênção dos doentes.

Inscrição dos doentes nos lugares do costume.

Trovas Soltas

(Saudando o Minho)

Eu te saúdo ó Minho, com ternura,
Na mágoa, na tristeza e na alegria,
No formoso matiz e na verdura
Onde alegre se mira a luz do dia.

Eu te saúdo, ó Minho, nesses campos,
No canto da cigarra ao pé do rio,
No cintilar de ledos pirilampos
E no canto dos grilos no pastio.

Eu te saúdo, ó Minho, na harmonia,
No silêncio das noites de luar,
Nas alfaias da Igreja em romaria,
Na rezinha do terço ao pé do lar.

Eu te saúdo, ó Minho, nas canções,
Que vêm de geração em geração:
Na beleza das grandes procissões
E no fervor da Santa Pregação!...

Eu te saúdo, ó Minho, em todo e canto,
Na voz macia e fina dos teus hinos...
No bronseio murmurar que prezo tanto:
Nos sonoros repiques dos teus sinos!...

Eu te saúdo, ó Minho, ao pôr do sol,
Quanto a alfombra da noite esconde os lares...
E quando, nos pinhais, o rouxinol
Vai desdobrando os seus cantares!...

Eu te saúdo, ó Minho, na mansão
Das auras que bafejam teus mosteiros,
E nos brasões de eterna Tradição,
Que nos falam de heróis e de Guerreiros!

Eu te saúdo, ó Minho, nos solares,
Nas velhas inscrições dos monumentos,
Na paz, e na ternura dos teus Lares,
No silêncio divino dos Conventos...

Eu te saúdo, ó Minho, nas florestas,
Nas montanhas, nas serras, nos caminhos,
Nos vastos pinheirais e pelas festas,
À voz da concertina e dos ferrinhos

Eu te saúdo, ó Minho nos trabalhos:
Nas lavradas, mondadas e serões...
Na vindima risonha e ao som dos malhos,
Pergaminhos de velhas tradições...

CERQUEIRA

ANIVERSÁRIO



Na próxima sexta-feira, dia 21, passa o aniversário do sempre lembrado e estimado colaborador deste semanário sr. Armando Macedo Martins, residente com sua esposa e filhinhos na Califórnia — América do Norte.

Ao festeja-lo, Tribuna Livre cumpre o grato dever de exaltar um filho dilecto da Feira Nova que muito tem feito para o engrandecimento do Concelho em terras americanas.

Seus familiares felicitam-no com votos de muita saúde e felicidades para si, sua esposa e filhos. Parabéns.

O ÚLTIMO RABELO

(Continuado da 1.ª página)

menos dia virá a suceder aos «meias-luas» da Costa da Caparica, pois que toda a enorme variedade de tipos de embarcações que existia ainda há pouco tempo ao longo das costas e dos rios de Portugal talvez nenhum — nem mesmo os moliceiros da ria de Aveiro, sem dúvida os mais numerosos — consiga sobreviver até ao fim deste século.

Todavia, ao passo que os bateis, as enviadas, as muletas e os caíques morreram humildemente, ignoradamente, como pobrinhos que vão para a vala comum, o rabelo morreu com honras quase nacionais, mais noticiado e mais fotografado do que se fosse membro do conselho de administração de dez ou doze grandes companhias. E, além do mais, morreu em beleza e morreu no seu posto — frente aos armazéns de Vila Nova de Gaia, depois de uma viagem de duzentos e vinte quilómetros, tormentosa como poucas, em que o conduziu, pela última vez, o pulso firme de Napoleão — Napoleão Loureiro de seu nome e arrais dos melhores que o Douro conheceu. Espera-se agora, a relativa eternidade que lhe dará a sua condição de peça de museu. Antes, porém, o último rabelo ofereceu aos seus últimos tripulantes e aos seus últimos passageiros — entre os quais

dois jornalistas e um operador da Televisão — recordações inesquecíveis. Não só as da paisagem; não só as dos alcantis de granito a contrastarem com as dos laranjais e dos vinhedos; não só as das grandes massas de água caindo em cachão nos rápidos ou as dos sorvedouros alucinantes; recordações, também, do esforço da gente transmontana que durante séculos fez do xisto seu pão-nosso-de-cada-dia e do perigoso rio a ousada estrada real do seu comércio.

Deveu-se a iniciativa desta viagem a alguém que já foi ministro, que já governou duas províncias ultramarinas e cuja carreira de marinheiro, começada há quase meio século, quando Gago Coutinho e Sacadura Cabral se preparavam para a grande aventura transoceânica, e das que mais ilustram a história contemporânea da Armada; transmontano dos quatro costados, o contra-almirante Sarmiento Rodrigues teve agora, também, mais este mérito: o de não deixar que o último rabelo decesse o rio sem que o País, através dos jornais e da Televisão, pudesse ter a noção do que foi, durante gerações, a lição de tenacidade e de brio da gente do Alto Douro e dos seus barqueiros. Tanto mais que os rabelos desaparecem — mas a gente continua.

CREIO!...

Eu creio na vida,
Mas sinto-me morta...
Creio na Luz!
Mas estou cega...
Creio no céu,
Mas está escuro...

Creio no amor!
Mas não o tenho...
Creio na paz!
Mas não existe...
Creio no que é belo,
Mas não o sou...
Creio no sofrimento,
Pois estou melancólica...
Creio na infelicidade,
Pois estou infeliz...

Creio na Dor!
Pois sofro...

Creio em tudo!
E creio em nada...
Creio em ti!
E não sou amada!

Junho 70

Filomena Olga Torres Faria.

Telefone dos Serviços dos
Bombeiros V. Amares 62162

5.ª COLUMNA

(Continuado da 1.ª página)

minha informação sobre frases lapidares, encontrei um dos mais ilustres deputados da Nação, o dr. Pinto Machado, — e esse será (e até é homem capaz de lapidar a sua frasedogia) — a dizer na nossa Assembleia Nacional, apenas... isto:

«... creio que é suficiente recordar que o I Plano de Fomento não foi ainda integralmente cumprido. Que admira, pois que, apesar de tantos planos — que é de bom tom referir em discursos solenes, como se de Bíblia se tratasse — o território esteja quanto ao seu desenvolvimento, cada vez mais desordenado? Somos do facto um curioso país, a estimular a curiosidade dos antropologistas e a desafiar a sua sagacidade: capaz de fulgores de epopeia e incapaz de desenvolver 89.000 km.2 de território europeu».

Ora, aí está a frase lapidar que, por felicidade surgiu após ter glosado a do meu tal amigo.

E desculpo a pressa, Leitor. Mas eu tinha de cumprir, perante si. Acha bem ou não?

EME ABRIL

Telefone a prestações

(Continuação da 1.ª página)

o fazem em períodos tão curtos que nada resolvem

Logo que se ampliou aqui a rede e foi substituída a aparelhagem da central soube-se pelo próprio pessoal técnico dos C.T.T. que a aparelhagem que se estava a montar já vinha de outro lado e era deficiente. Afirmou-se até que ainda havíamos de ter desejo da anterior situação.

Na verdade nunca mais aqui tivemos telefone com a regularidade de então.

Mas há cerca de 3 meses a coisa é verdadeiramente insuportável.

Porque estes factos são autênticos, resalta a incompetência ou irresponsabilidade dos técnicos dos C.T.T. que sabendo o mal que faziam, e isso era absolutamente do conhecimento do pessoal superior, não tiveram relutância em sacrificar os meios de vida dos habitantes dum pobre concelho que bem mere-

Braga vai comemorar com grande brilho o 45.º aniversário da revolução nacional

— Assistirão às cerimónias que decorrerão nos dias 29 e 30 de Maio, altas figuras do Governo e outras destacadas individualidades da vida nacional

O 45.º aniversário do movimento revolucionário que, saído de Braga em 28 de Maio de 1926, havia de reconduzir Portugal aos seus altos e luminosos destinos históricos, tornando-o um País forte, senhor de si, consciente e, por isso mesmo, respeitado e considerado no mundo (os ataques que te-

ELÍSIO GONÇALVES

A convite de um jornal de que é correspondente, seguiu de avião para a Madeira acompanhado de sua esposa o nosso colaborador sr. Elísio Gonçalves sem prejuízo do seu noticiário do Concelho que será publicado com a mesma normalidade.

cia outro tratamento.

Estão a colher-se assinaturas numa exposição que vai seguir as vias oficiais.

Entretanto e porque o assunto é da maior urgência apelamos para a Câmara Municipal e para a Administração dos C.T.T. no sentido de que seja substituída com urgência a aparelhagem usada e incapaz que aqui foi montada, de forma a regularizar tão prejudicial situação.

Até que isso se faça devem os C.T.T. destacar para a central pessoal necessário para manter em funcionamento todos os telefones, pois sabe-se que para que tal aparelhagem atenda os telefonemas, é necessário ter ali permanentemente um funcionário para mexer nas *caravelhas* que se descontrolam, com a maior facilidade.

Na verdade os assinantes do concelho deveriam ter direito até a uma indemnização pelos enormes prejuízos causados.

mos sofrido no último decénio, por paradoxal que pareça, confirmam o nosso poderio e a nossa força), vai ser celebrado, na capital do Minho, com a grandeza e o brilho que a efeméride amplamente justifica.

As celebrações do histórico evento, que tiveram no Chefe do Distrito, comendador António Maria Santos da Cunha, o esclarecido iniciador e o dinâmico propulsor, iniciar-se-ão na noite do dia 29 deste mês (sábado), com uma sessão comemorativa, encerrando-se, no dia seguinte (domingo), com uma grandiosa parada militar, a realizar na parte da tarde, na qual tomarão parte todos os ramos das Forças Armadas — Exército, Marinha e Força Aérea — bem como destacamentos de G.N.R. e da P.S.P. e uma numerosa representação da Legião Portuguesa.

A estas cerimónias, que tudo faz crer venham a atingir invulgar projecção, assistirão altas Figuras do Governo e outras destacadas individualidades nacionais.

A fim de programar as luzidas comemorações, o sr. Governador Civil, que presidirá à Comissão promotora, cuja constituição será fornecida oportunamente, reuniu já com todos os presidentes dos municípios do Distrito, tendo-se registado, por parte destas autoridades administrativas, a mais franca receptividade e a mais entusiástica adesão.

Condições de Assinatura

Continente

Ano 50\$00
Semestre 25\$00

Ilhas

Avião—ano 150\$00
Semestre 75\$00
Barco—ano 60\$00
Semestre 30\$00

Brasil

Avião—ano 180\$00
Semestre 90\$00
Barco—ano 80\$00
Semestre 40\$00

Estrangeiro

e Províncias Ultramarinas
Avião—ano 180\$00
Semestre 90\$00
Barco—ano 80\$00
Semestre 40\$00

Vende-se Motor de Rega

de 2,5 P, com elevação 15m
queima petróleo

Falar com José Augusto Ferreira

IGREJA—PROZELO—AMARES